



PAULO VAZ
Jurista e Gestor

Dores de crescimento

A Indústria Têxtil e Vestuário portuguesa, tal como outras da atividade transformadora nacional, está a viver um prolongado período de expansão, desde 2009, que promete continuar, de acordo com os últimos indicadores conhecidos. Efetivamente, se não existirem grandes surpresas, 2017 poderá ser o ano do recorde absoluto das exportações da fileira têxtil e vestuário portuguesa, que poderão aproximar-se dos 5,3 mil milhões de euros, praticamente mais 200 milhões do que o melhor "score" de sempre, obtido em 2001. Nessa altura, com o dobro das empresas e dos trabalhadores ao serviço.

Embora estas sejam boas notícias, nem tudo corre de feição.

Os problemas de competitividade nacional prevalecem e da resposta a eles depende o futuro do país, mais ou menos radioso. Mesmo com as dificuldades conhecidas, ainda assim, nos últimos anos, os "drives" do crescimento, os fatores críticos de competitividade, como a inovação, o design ou o serviço, impuseram-se e determinaram a evolução positiva dos setores industriais, que a todos nos satisfaz.

Contudo, podemos estar a chegar ao limite desse esforço.

Na essência, se as empresas não conseguirem ter produtos e serviços cuja relação preço/qualidade seja percecionada adequadamente pelo mercado, não terão clientes, pois a concorrência acabará por se impor, desviando o interesse dos compradores para outras geografias. Na realidade, o custo do dinheiro continua elevado para a generalidade das empresas e se o acesso ao financiamento está mais facilitado para as que possuem melhor "rating", para as que mais necessitam de capital, sobretudo para a sua gestão diária, a vida continua complicada – o "stock" de crédito às empresas continua em queda: mais de 8%, de acordo com os últimos dados do Banco de Portugal; o mesmo se diga do custo da energia (e dos encargos ambientais), que é superior em Portugal a praticamente todos os países da União Europeia, não pela variação do preço do petróleo ou do gás, mas pelos custos adicionais que vêm na factura, destinados a pagar investimentos nas energias alternativas e o défice energético; e, finalmente, se o custo do trabalho, por ser moderado, constituía o elemento da equação, que possibilitava

um equilíbrio positivo, também este está ameaçado pela subida exponencial que está a ser experimentado nos últimos anos, por razões de opção política (vide salário mínimo e efeito de arrastamento em toda a grelha salarial das empresas), mas, igualmente, pelo facto de a escassez de mão de obra, especialmente nas atividades mais a jusante da cadeia de valor da indústria mais dependente da intensidade da mão de obra, estar a determinar aumentos significativos nos custos com pessoal.

Estas são verdadeiramente as dores de crescimento que o setor está a viver nos nossos dias. O sucesso que constituiu a sua recuperação, nos últimos oito anos, reflete-se agora na dificuldade em manter a sua dinâmica positiva, especialmente quando falamos do capital humano necessário para o efeito. Sem pessoas não há empresas e sem pessoas qualificadas e motivadas não é possível pensar em empresas que crescem e se desenvolvem no sentido que desejamos: mais valor acrescentado, mais rentabilidade e mais exportações.

Este é o drama que se está a formar para a ITV nacional, hoje e para futuro, assim como para muitos outros setores da economia nacional.

Se não conseguirmos enfrentar este problema, não poderemos continuar a ter a ilusão de que a indústria manterá a rota de crescimento de que hoje se orgulha. É uma tarefa comum, que exige entendimento estratégico de todos os seus "stakeholders", incluindo o Estado, com políticas públicas adequadas, destinadas a trazer mais produtividade por via da qualificação de trabalhadores, já que não pode enjeitar responsabilidades no sistema educativo e de formação profissional, incluindo a que tem protocolado com as Associações, nos respetivos centros, como é o caso do **Modatex** para a ITV. Também ao setor lhe compete reagir, procurando no exterior o que não encontra já no país, libertando-se da dogmática anacrónica do nacionalismo produtivo, pois o que importa é que o centro de competências e o domínio do negócio fique em Portugal, deslocalizando para onde for mais conveniente as atividades produtivas que, no nosso território, já não são possíveis desenvolver. Faz parte das dores de crescimento, mas que, sem a sua superação, não há desenvolvimento e nem sequer futuro.

ASTROLABIO

